

**Ministério da Educação**  
**Universidade Federal de São Carlos**  
**Centro de Educação e Ciências Humanas**  
**Programa de Pós-Graduação em Linguística**  
**Departamento de Letras**

**Instituto Mattoso Câmara de Estudos Interdisciplinares de  
Linguagem**

**I- Identificação geral da proposta**

**1.1) Proponentes**

Roberto Leiser Baronas (DL-PPGL-UFSCar/CNPq);

Mônica Baltazar Diniz Signori (DL-UFSCar);

Dirceu Cléber Conde (DL- UFSCar);

Luciana Salazar Salgado (DL-UFSCar).

**1.2) Resumo geral**

O objetivo principal do Instituto Mattoso Câmara de Estudos Interdisciplinares de Linguagem é promover pesquisas, divulgação científica, publicações, debates e eventos nas mais variadas escolas e domínios das Ciências da Linguagem. Em conformidade com esse objetivo, as atividades acadêmicas do Instituto estão inscritas em quatro grandes eixos que correspondem a quatro programas de trabalho específicos:

**1.2.1) Linha de pesquisa 1: “Arquivos de Mattoso Câmara”**

Embora seja o iniciador dos estudos linguísticos modernos brasileiros, o lingüista Joaquim Mattoso Câmara é pouco conhecido, sobretudo, das novas gerações de lingüistas brasileiros. Geralmente, este lingüista brasileiro é rotulado como estruturalista. Rótulo esse que silencia completamente uma obra multidisciplinar que transita da etnolinguística aos estudos estilísticos literários. Uma das razões para tal desconhecimento/silenciamento se deve em boa medida pelo fato de grande parte de seus ditos e escritos ainda não estarem acessíveis. O que se conhece deste autor são

alguns de seus livros publicados. Nosso objetivo neste primeiro programa de trabalho é levantar e disponibilizar gratuitamente em site específico do Instituto toda a densa e extensa obra de Mattoso Câmara. Esse trabalho de disponibilização da obra mattosiana se iniciará pela colocação em rede dos trabalhos de divulgação científica do lingüista brasileiro, publicados inicialmente em jornais e revistas cariocas entre os 40 e 60 do século passado. Num segundo momento, serão disponibilizados os artigos esparsos publicados em revistas brasileiras e do exterior. E, por último, os livros de Mattoso Câmara, publicados tanto em português quanto em outras línguas.

### **1.2.2) Linha de pesquisa 2: “A cara do Brasil no terceiro milênio: uma análise semiótica do cinema brasileiro”**

O forte apelo às questões educacionais e de linguagem que envolve a construção de uma identidade nacional marca a inserção do projeto “A cara do Brasil no terceiro milênio” na proposta de um Instituto de Estudos Interdisciplinares de Linguagem, objetivando ajudar na racionalização do sentimento dessa identidade, por meio da qual se pode, continuamente, aprimorar o olhar que lançamos sobre nós mesmos, o que implica, necessariamente, aprender a interagir com os olhares do outro. Reconhecendo o papel constitutivo das linguagens em todo esse processo, buscaremos o alcance de nosso objetivo por meio da análise do cinema nacional, em que observaremos o olhar de brasileiros sobre si mesmos e sobre o mundo de que participam. Sendo essa identidade necessariamente clivada pelo olhar do outro, estabelecemos um recorte sobre as produções que foram selecionadas para concorrerem ao OSCAR, baseando-nos no entendimento de que essa seleção estabeleceu critérios, dentre inúmeros outros, marcados pelo que se acredita indicado para representar, para outras nações, o que seja o Brasil. A análise dos filmes será feita com base na fundamentação teórico-metodológica da semiótica greimasiana, que concebe o texto como a manifestação decorrente da interação que se estabelece entre os dois planos da linguagem, conforme proposição hjelmsleviana.

### **1.2.3) Linha de pesquisa 3: “Designações e Denominações de ações institucionais no Brasil”**

"Programa Minha Casa Minha Vida ", "Programa Universidade Para Todos", "Projeto Rondon", entre muitos outros nomes de ações institucionais, são exemplos de uma relação entre sentido e referência bastante peculiar e que merece o olhar do semanticista com o intuito de compreender os mecanismos de significação que são mobilizados e servem para fazer referência. A princípio, tal fenômeno parece indicar um esforço de publicidade empreendido pelo órgão ou instituição interessado, ou pela mídia que deseja veicular tal objeto, no entanto, esse esforço só atinge seus efeitos porque existe um mecanismo semântico que assim o permite. As denominações exemplificadas acima demonstram um modo de “transformação”, pois da mera etiquetagem de um número de processo ou de um número de projeto passaram para uma outra modalidade individualização, aquela ocorrida por denominação e esta acontece através de um misto de nome comum (operação, projeto etc.) com um outro termo como um nome próprio (Rondon) ou ainda com uma estrutura mais complexa em que se tem uma oração de feição nominal inteira, como em “Programa Minha Casa Minha Vida” (Minha casa É minha vida). Esses procedimentos de denominação têm um escopo bastante amplo revelando diferentes conteúdos que vão desde aspectos

semântico-referenciais até questões discursivas. Nesse sentido, tal fenômeno será mapeado, registrado e compreendido para fins de pesquisa, e para tanto percorreremos desde a abordagem pelo olhar sobre as diferenças entre denominar e designar até as combinações predicativas que a estrutura desses nomes prevê, ou seja, como se dá o funcionamento de sintagmas nominais que tenham a estrutura, "projeto + Y", "programa + Z". De início, já observamos que o fenômeno aponta para uma forma de cristalização, até certo ponto, especializada, se compararmos a outros procedimentos como quando se tem "operação + X", cuja especificidade aponta para ações militares, policiais e fiscalizatórias. O que nos impele a questionar qual seria o status desse SN: seria ele um misto de descrição definida com nome próprio? Para dar conta de compreender esse tipo de formação, não podemos ignorar o uso, por isso este projeto leva adiante algo mais trabalhoso e ousado: a realização de um exaustivo levantamento do maior número possível de denominações sobre ações institucionais. O objetivo final é contribuir para a compreensão desse modalidade de denominação e montar um glossário com os resultados das pesquisas, bem como um banco de dados aberto ao público para pesquisa, ademais a discussão sobre esse objeto nos levará ter uma maior clareza sobre o funcionamento de nomes e descrições definidas.

#### **1.2.4) Linha de pesquisa 4: “Contribuições do geógrafo brasileiro Milton Santos para a compreensão dos fluxos de texto constitutivos do ciberespaço”**

O estudo da comunicação e da cultura de uma perspectiva linguística supõe que se considere a ordem do discurso, isto é, as condições de emergência dos enunciados ou, noutros termos, as condições de sua enunciação, notadamente as conjunturais, que nos permitem compreender os processos de produção e difusão dos textos – ou, antes, as textualizações, atualizações de discursos), contemplando os modos de inscrição do material linguístico nos meios e materiais que constituem os fluxos de texto numa sociedade. Nesta linha de pesquisa, focalizaremos as características do que o geógrafo brasileiro Milton Santos refere como *período técnico-científico informacional*, com vistas a compreender a constituição material desses fluxos textuais. Mais especificamente, trata-se de examinar como sua constituição participa da produção dos sentidos nos materiais linguísticos em circulação. Considerando a hipermídia como um conjunto de técnicas e o ciberespaço como um conjunto de práticas que se apropriam dessas técnicas, buscamos no pensamento de Santos subsídios para o estudo dos textos no meio técnico-científico informacional, isto é, o estudo dos modos de funcionamento do período, de suas técnicas e práticas fundamentais, com base, entre outras coisas, no que o geógrafo propõe como *elementos da globalização*. Para Santos, o mundo globalizado se funda numa “imprescindibilidade do discurso”, e cremos que o ciberespaço é uma materialização expressiva disso, produzindo uma *psicosfera* (crenças, ideologias e paixões geradoras de uma intensão) diretamente relacionada a uma *tecnosfera* (objetos técnicos, sistemas de engenharia e materializações dotados de uma extensão), cujas *verticalidades* (domínio da racionalidade, dos fluxos planejados, calculados, eficazes) e *horizontalidades* (domínio do vivido, da organicidade cotidiana, dos valores compartilhados) dão a ver que os textos, entendidos como textualização, são objetos técnicos produzidos pelo engenho humano e produtores desse engenho, assentados num paradoxo constitutivo. É justamente a observação desse funcionamento paradoxal que nos permite estudar os dispositivos comunicacionais e as várias noções de cultura que se organizam para além dos documentos oficiais e das definições de setores, ministérios, secretarias e regulações específicas. Pretende-se, com isso, descrever e analisar representações

instituídas pela circulação de materiais linguísticos, necessariamente discursivos, o que sabidamente significa dizer sociais, portanto históricos e, segundo a perspectiva que se põe em relevo aqui, geográficos, ou seja: partícipes das formações.

## **II - Qualificação do principal problema a ser abordado na linha de pesquisa 1: Arquivos de Mattoso Câmara**

### **2.1) Introdução e justificativa**

Podemos considerar a década de 40 como o momento mesmo de irrupção da Linguística Brasileira. Embora houvesse antes desse período inúmeros trabalhos que buscavam compreender o português americano<sup>1</sup>, sobretudo a partir dos mirantes gramatical, histórico, dialetológico e da crítica textual, é com a publicação do livro “Princípios de Linguística de Geral” de Mattoso Câmara Jr em 1941 que efetivamente irrompe a ciência linguística no Brasil. Mattoso Câmara Junior é considerado por muitas gerações de linguistas como o iniciador da linguística de língua portuguesa. Nesse sentido, Princípios de Linguística Geral, uma obra que teve como objeto de estudos a teoria linguística de base estruturalista, pode ser considerada um verdadeiro divisor de águas nos estudos sobre a linguagem no Brasil.

Nesses últimos setenta e poucos anos, a linguística brasileira cresceu muito: saiu do completo anonimato com os trabalhos pioneiros de Joaquim Mattoso Câmara Jr. e chegou em 2011 como uma das ciências brasileiras mais fecundas, haja vista o grande número de apresentações e publicações de trabalhos relevantes em eventos e revistas da área tanto no Brasil quanto no exterior.

Se olharmos para a história da linguística brasileira, certamente não na mesma proporção das ciências da observação tal qual a Astronomia e a Astrofísica, que desde o século XIX possuem uma forte propensão a vulgarização científica para os mais diferentes públicos, verificaremos que, desde os seus primórdios, a ciência linguística brasileira irrompeu com a preocupação de não apenas fazer avançar a teoria linguística e os estudos linguísticos relacionados à descrição do português brasileiro

---

<sup>1</sup> Referimo-nos aqui aos trabalhos de estudiosos da linguagem que mesmo sem formação universitária específica no campo das Letras tais como Said Ali, Antenor Nascentes, Amadeu Amaral e Souza da Silveira produziram densos trabalhos tendo o português americano como objeto de estudo.

nos seus mais diversos níveis linguísticos, (objetos de trabalho iniciais de Mattoso Câmara Jr.), mas também com o objetivo não menos nobre de divulgar cientificamente tais avanços, relacionando-os, por exemplo, com o ensino de língua portuguesa na escola. Fazemos tal asserção embasados, por exemplo, nos textos publicados por Joaquim Mattoso Câmara Jr. no *Jornal Correio da Manhã* em 1934<sup>2</sup> e na *Revista Carioca Cigarra Magazine* entre os anos de 1957 a 1960<sup>3</sup>.

Nesses dois veículos, Mattoso publicou uma série de artigos de divulgação, que tinham basicamente o objetivo de dar a conhecer não só as teorias linguísticas estruturalista e antropológica (algumas das teorias linguísticas as quais se filiava) e, contribuir com a formação dos professores de língua portuguesa do ensino secundário, mas também com a divulgação da pesquisa linguística brasileira da época. São textos que trataram de temas que vão desde os estudos filológicos até a alfabetização indígena. Segundo Uchôa (2004, p. 08), Mattoso Câmara ao longo de sua carreira escreveu:

ensaios ou crônicas sobre correntes linguísticas (como a glotocronologia e o estruturalismo), sobre linguistas (como Jespersen, Jakobson, Said Ali...), sobre o panorama de estudos de um país (como o sobre *A Linguística Brasileira*) e um sem-número de resenhas ou resenhas críticas de obras de linguistas de várias nacionalidades (brasileiros também). Esta parte de sua bibliografia exerceu, nas décadas de 40, 50 e 60, um importante papel para a difusão, entre nós, de idéias em voga no campo do estudo da linguagem, divulgadas através do filtro crítico de um linguista atualizado e sagaz.

É possível asseverar que fazia parte então do projeto de Mattoso Câmara Jr. também a divulgação científica. Ou seja, ao lado de suas preocupações com teoria linguística, com a descrição do português e a formação de professores de língua portuguesa, sempre esteve presente no projeto mattosiano uma preocupação com a divulgação científica da ciência linguística brasileira.

No entanto, toda essa vasta produção científica de Joaquim Mattoso Câmara Jr. continua praticamente inacessível para a grande maioria dos estudiosos brasileiros. O pouco que se conhece desse linguista refere-se aos seus livros publicados. Tais livros, entretanto, dão a circular apenas uma pequeníssima parte da densa e extensa

---

<sup>2</sup> Trata-se de um conjunto de textos destinados aos professores de português com o título de *Lições de Português*.

<sup>3</sup> Mais detalhes sobre os trabalhos de divulgação científica de Mattoso Câmara podem ser obtidos no livro de Carlos Alberto Falcão Uchoa, intitulado “A colaboração de Mattoso Câmara em a *Cigarra* (1957 – 1960)”. *Confluência*, Rio de Janeiro, número 20, 2000.

obra mattosiana. O presente projeto visa então minimizar essa lacuna colocando à disposição do público brasileiro toda a obra deste grande pensador brasileiro.

## **2.2) Objetivos e metas**

Objetivamos com o presente projeto divulgar por meio de site de livre e irrestrito acesso a ser alojado no provedor da Universidade Federal de São Carlos toda a obra do pesquisador brasileiro Mattoso Câmara Jr. Para tanto estabelecemos como meta:

- Levantar minuciosamente toda a densa e extensa obra de Mattoso Câmara Jr: livros, dicionários, artigos publicados em revistas especializadas nacionais e estrangeiras, artigos de divulgação científica publicados em jornais e em revistas, resenhas, cadernos de notas, manuscritos, traduções;
- Digitalizar toda a produção bibliográfica de Mattoso Câmara Jr.;
- Criar um site para a divulgação gratuita da obra de Mattoso Câmara Jr.;
- Elaborar para cada texto e/ou livro a ser divulgado no site uma pequena nota crítica introdutória em que serão fornecidos aos leitores informações acerca desses textos e/ou livros: contexto histórico e epistemológico de produção; meio em que circulou tal documento, etc.;
- Orientar dois trabalhos de iniciação científica com essa temática;
- Orientar uma dissertação de mestrado com essa temática;
- Publicar um livro com os textos das notas críticas.

## **2.3) Metodologia a ser empregada**

Faremos inicialmente todo um levantamento minucioso da produção acadêmica de Joaquim Mattoso Câmara Jr. Parte dessa publicação encontra-se arquivada no Centro de Estudos Linguísticos Mattoso Câmara que funciona na Biblioteca Central da Universidade Católica de Petrópolis – RJ. O restante da produção acadêmica de Mattoso Câmara será coletada em jornais e revistas da época

em arquivos públicos de São Paulo, do Rio de Janeiro e na biblioteca particular do autor em Petrópolis. Num segundo momento, digitalizaremos todos os textos de Mattoso Câmara. Em seguida, para cada texto digitalizado redigiremos uma pequena nota introdutória crítica, fornecendo ao leitor informações relativas ao contexto de circulação de tal obra, o contexto epistemológico, repercussão em outros trabalhos, etc. Por último, disponibilizaremos os textos digitalizados em site no provedor da UFSCar.

## **2.4) Principais contribuições científicas ou tecnológicas da proposta**

Uma das principais contribuições da proposta “Arquivos de Mattoso Câmara” é dar a conhecer, sobretudo, para as gerações mais novas de estudiosos da linguagem e demais interessados, as contribuições de Mattoso Câmara para a irrupção e legitimação das Ciências da Linguagem no Brasil. Em outras palavras, mostrar mesmo como o pensamento de Mattoso Câmara mudou a maneira mesmo de os estudos lingüísticos serem tratados no Brasil. Antes de Mattoso os trabalhos sobre linguagem no Brasil possuíam um caráter quase que exclusivamente prescritivo. Com Mattoso esses estudos ganham aporte teórico denso. As pesquisas perdem o caráter normativo e ganham um caráter descritivo, explicativo. Caráter esse que embora bebesse nas fontes teóricas norte-americanas e europeias possui traços originais do autor. Tornar claro que o pensamento de Mattoso Câmara funda não só uma Linguística no Brasil, mas, sobretudo dá início a uma Linguística do Brasil é a principal contribuição científica da proposta.



## **2.6) Identificação dos demais participantes do projeto**

Samuel Ponsoni (Doutorando);  
Sidnay Fernandes dos Santos (Doutoranda);  
Renata Carreon (Mestranda);  
Marco Almeida Ruiz (Iniciação Científica);  
Sara Naime Vidal (Iniciação Científica);  
Mônica Menezes Santos (Iniciação Científica).

## **2.7) Referências bibliográficas**

ALTMAN, C. A Pesquisa lingüística no Brasil: 1968-1988. 1. ed. São Paulo, SP: HUMANITAS, 1998.

\_\_\_\_\_. Retrospectivas e perspectivas da historiografia da lingüística no Brasil. In: Revista argentina de historiografía lingüística, I, 2, 115-136, 2009.

AMARAL, A. O dialeto caipira. 4 ed. - Editora Hucitec/INL-MEC, 1982.

ANAIIS DO CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGÜÍTICA ABRALIN -

AUROUX, S. 1992a. Introduction. Le processus de grammatisation et ses enjeux?, Histoire des Idées Linguistiques. Le développement de la grammaire occidentale. In AUROUX (dir.). 1989 e 2000: Vol. II, 11-64.

\_\_\_\_\_.1992b. A Revolução Tecnológica da Gramatização [Trad. de Eni Orlandi].Campinas: Edunicamp.

\_\_\_\_\_.(dir.). 1989 e 2000. Histoire des Idées Linguistiques. Tomos I, II e III. Bélgica: Mardaga.

BORGES NETO, J. O pluralismo teórico na lingüística. XXV Estudos Lingüísticos. (Gel - Grupo de Estudos Lingüísticos de Estado de São Paulo). UNITAU. Taubaté, SP, 1997, p. 4-17.

BRUNELLI, A. F. (et al). GEL : 40 anos de história na lingüística brasileira. São Paulo, SP: Paulistana, 2009.

CÂMARA JÚNIOR, J. M. Dispersos. Nova edição revisada e ampliada. Rio de Janeiro, RJ: Lucerna, 2004.

\_\_\_\_\_. Princípios de lingüística geral (como fundamento para os estudos superiores da língua portuguesa), Rio de Janeiro, RJ: F. Briguiet, 1941.

\_\_\_\_\_. A lingüística brasileira. In: NARO, A. Tendências atuais da lingüística e da filologia no Brasil. Rio de Janeiro, RJ: 1976.

\_\_\_\_\_. Estrutura da língua portuguesa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1970.

\_\_\_\_\_. História da lingüística. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.

FIORIN, J. L. Lingüística: perspectivas e aplicações. XXIII Estudos Lingüísticos. (Gel - Grupo de Estudos Lingüísticos de Estado de São Paulo). São Paulo, SP, 1994. p. 18-25.

PARA A HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO Vol. VII tomos I e II . Vanderci Andrade AGUILERA (Org.) Londrina, PR: EDUEL, 2009.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. A língua brasileira. Ciência e Cultura, São Paulo, 2005.

\_\_\_\_\_. O discurso sobre a língua no regime de Getúlio Vargas (Estado Novo 1937/1945). Línguas e instrumentos lingüísticos, Campinas, n. 15, 2005.

\_\_\_\_\_. História das idéias lingüísticas e análise do discurso. Grupo Corpus - Sta. Maria, 2002.

## **2.8) Bibliografia consultada**

BRUNELLI, A. F. (et al). GEL : 40 anos de história na lingüística brasileira. São Paulo, SP: Paulistana, 2009.

CÂMARA JÚNIOR, J. M. Dispersos. Nova edição revisada e ampliada. Rio de Janeiro, RJ: Lucerna, 2004.

\_\_\_\_\_. Princípios de lingüística geral (como fundamento para os estudos superiores da língua portuguesa), Rio de Janeiro, RJ: F. Briguiet, 1941.

### **III - Qualificação do principal problema a ser abordado na linha de pesquisa 2: A cara do Brasil no terceiro milênio: uma análise semiótica do cinema brasileiro**

#### **3.1) Introdução e justificativa**

O conceito de brasilidade está fortemente associado à construção de uma identidade nacional, que se estabelece pela interação entre como se veem e como são vistos os brasileiros, em um contínuo processo de trocas, impulsionado pelos mais variados interesses, políticos, econômicos, tecnológicos, culturais, ambientalistas, artísticos, e tantos quantos venham a mobilizar os intercâmbios nacionais e internacionais. Inerente à constituição das identidades, esse processo não acontece de forma exclusivamente consciente, mas marcado, também, pela naturalidade com que é vivenciada toda essa movimentação:

A brasilidade, como qualquer outra identidade nacional, é uma consciência e um sentimento – e sentimento não deve ser confundido com sentimentalidade. Os brasileiros não sabem bem o que são, mas sentem, sabem que são brasileiros. A maioria das nações do mundo tem pouca consciência de sua identidade nacional. Mas esse sentimento nunca deve ser dirigido contra ninguém. Deve ser dirigido sempre na compreensão das consciências e sentimentos de outras identidades nacionais. A família e a escola são fundamentais nesses aspectos: compete a eles ajudar nessa racionalização. E isso que é cidadania<sup>4</sup>.

As trocas inerentes à constituição da identidade, portanto, devem se realizar em equilíbrio e com a confiança necessária para aprendermos com as “outras identidades nacionais”, sem que isso signifique deixar de aprender com a nossa própria identidade:

o brasileiro só poderá exercer sua brasilidade, ligada a diversos aspectos da identidade nacional, quando puder se ver com olhos livres de estereótipos construídos por outras nações. Estamos cansados de ser exóticos. Queremos ter nossa própria identidade. Somos um país jovem que procura sua identidade e, para isso, precisamos aprender a ouvir nossa própria voz e a entender nosso olhar<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Vamireh Chacon, professor emérito da UNB, disponível em <http://vsites.unb.br/brasilemquestao/educacao.htm>, último acesso em setembro 2011.

<sup>5</sup> Mariza Veloso, professora do Departamento de Sociologia da UnB, disponível em <http://vsites.unb.br/brasilemquestao/educacao.htm>, último acesso em setembro de 2011.

O forte apelo às questões educacionais e de linguagem que envolve a construção de uma identidade nacional marca a inserção deste projeto na proposta de um Instituto de Estudos Interdisciplinares de Linguagem. Buscar compreender “a cara do Brasil no terceiro milênio” por meio de uma análise do cinema brasileiro significa contribuir com uma discussão de brasilidade que passa, necessariamente, pelas formas de representação do “ser brasileiro”, que devem ser sentidas e compreendidas, em um contínuo movimento de trocas, que se dá não apenas internamente, mas também pela interação que se estabelece com múltiplas identidades nacionais.

### **3.2) Objetivos e metas**

Profundamente significativa, a interpretação do professor Chacon sobre cidadania inspirou a elaboração deste projeto, que objetiva ajudar na racionalização do sentimento de identidade nacional, por meio da qual se pode, continuamente, aprimorar o olhar que lançamos sobre nós mesmos, o que implica, necessariamente, aprender a interagir com os olhares do outro.

Reconhecendo o papel constitutivo das linguagens em todo esse processo, buscaremos o alcance de nosso objetivo por meio da análise do cinema nacional, em que observaremos o olhar de brasileiros sobre si mesmos e sobre o mundo de que participam. Sincrética por natureza, a linguagem cinematográfica revela, pela razão ou pelo sentimento, imagens, músicas e palavras que, nos filmes a serem analisados, devem marcar a identidade brasileira.

Sendo essa identidade necessariamente clivada pelo olhar do outro, estabelecemos um recorte sobre as produções que foram selecionadas para concorrerem ao OSCAR, baseando-nos no entendimento de que essa seleção estabeleceu critérios, dentre inúmeros outros, marcados pelo que se acredita indicado para representar, para outras nações, o que seja o Brasil. Quando da escolha de **Lula - o Filho do Brasil**, por exemplo, Roberto Farias, presidente da Academia Brasileira do Cinema e membro da comissão responsável pela escolha do filme indicado ao OSCAR 2011, “afirmou que o filme “parece ser o mais indicado por mostrar a história de centenas de milhares de brasileiros, não apenas do presidente”. “Outro

critério é que Lula é uma personalidade não apenas no Brasil, mas também lá fora", completou<sup>6</sup>.

Gostaríamos de analisar todos os filmes selecionados, desde o primeiro, **Brazil**, que em 1944 concorreu ao prêmio de melhor canção, com **Rio de Janeiro**, de Ary Barroso. Mas, em função do tempo estipulado para a pesquisa, vamos nos ater aos filmes do presente milênio, centrando, assim, nossa discussão, ao momento contemporâneo do contínuo processo de construção de nossa brasilidade.

### 3.3) Metodologia a ser empregada

*A cara do Brasil no Terceiro Milênio* tem sua fundamentação teórico-metodológica ancorada nos princípios da semiótica greimasiana, centrados na concepção de texto como uma manifestação decorrente da interação entre os dois planos da linguagem, conforme proposição de Hjelmslev. Sendo esses planos – expressão e conteúdo – compostos a partir da seleção de traços sobre substâncias diferentes, específicas às suas formações, evidencia-se a complexidade de qualquer abordagem textual, o que traça uma primeira preocupação metodológica para a realização desse projeto, que se amplifica no caso da manifestação sincrética, que envolve não apenas especificidades próprias dos dois planos da linguagem, mas, além disso, substâncias distintas de expressão.

Essa variedade, ao longo da análise, precisa ser compreendida em direção ao uno, sem o qual a significação não se torna possível, o que implica uma segunda preocupação: não obstante as diferenças, os traços selecionados de distintas substâncias interagem, estabelecendo a coerência da expressão, em relação com o conteúdo que, mesmo se organizando em um percurso envolvendo variados elementos, apresenta-se como um todo em interface com a expressão.

A partir dessas observações, a metodologia de análise terá como orientação o fato de que filmes são semióticas sincréticas, que acionam, inter-relacionam, compõem, fazem interagir diferentes sistemas semióticos: o desafio é buscar a

---

6

<http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/cinema/lula+o+filho+do+brasil+vai+representar+o+brasil+no+oscar+2011/n1237782711036.html>

compreensão do diálogo que se estabelece entre os dois planos dessa linguagem, que se traduz não pela somatória de formas de expressão diferentes, mas pela constituição de uma linguagem – a cinematográfica – com seus traços específicos de manifestação.

Para dar conta desse desafio, marcado pela atenção constante em não se operar por somação, a análise, inicialmente, abordará a organização do nível discursivo no plano de conteúdo, o mais próximo da expressão, buscando a discretização das categorias discursivas intrassemioticamente, ou seja, considerando cada linguagem – visual, musical e verbal – em sua especificidade, com o cuidado, entretanto, de não delimitá-las isoladamente, mas no interior de uma constituição discursiva. Aprofundando a descrição para as categorias semionarrativas, estas marcarão a intersecção resultante da interação entre as diferentes linguagens, permitindo uma visão interssemiótica de todo o processo.

### **3.4) Principais contribuições científicas ou tecnológicas da proposta**

A análise da linguagem cinematográfica contempla a discussão do semi-simbolismo e do sincretismo, aspectos da organização textual que, necessariamente, levam a descrição a considerar a interação entre plano de expressão e plano de conteúdo. Buscará este projeto, assim, contribuir com a sempre presente e atualizada proposta dos estudos greimasianos de “descrever e explicar *o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz*” (Barros, p. 7), focando não um plano ou outro da linguagem, mas a complexidade e a interação, ou seja, a manifestação, com suas marcas textuais e discursivas.

Compostos a partir de diferentes substâncias, plano de expressão e plano de conteúdo constituem-se como diferentes formas, integradas, porém, na criação das condições necessárias para se gerar a significação. Com a abordagem do sistema semi-simbólico na linguagem sincrética, pretende-se, na pesquisa proposta, evidenciar as correlações que se estabelecem entre os dois planos da linguagem na promoção da manifestação, possibilitando, com isso, melhor visualização das relações entre texto, discurso e manifestação.

### 3.5) Cronograma de atividades

Atividades	Meses																								
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	
estudos sobre a gramática da linguagem cinematográfica	X	X	X	X	X	X																			
análise dos filmes selecionados	<b>Uma História de Futebol (2001)</b>						X	X	X																
	<b>Abril Despedaçado (2002)</b>																								
	<b>Cidade de Deus (2003 e 2004)</b>									X	X	X													
	<b>Olga (2005)</b>																								
	<b>Dois Filhos de Francisco (2006)</b>												X	X	X										
	<b>Cinema, Aspirinas e Urubus (2007)</b>																								
	<b>O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias (2008)</b>																X	X	X						
	<b>Última Parada 174 (2009)</b>																								
	<b>Salve Geral (2010)</b>																								
	<b>Lula, o filho do Brasil (2011)</b>																			X	X	X			
<b>Tropa de elite 2 (2012)</b>																									
redação do relatório de pesquisa																						X	X	X	

### 3.6) Identificação dos demais participantes do projeto

Lígia Menossi de Araújo (doutoranda);

Daiane Bonácio (doutoranda);

Virgínia Rúbio Scola (mestranda);

Tamires Bonini Conti (iniciação científica)

### 3.7) Referências bibliográficas

BARROS, D. L.P. **Teoria Semiótica do Texto**. São Paulo: Ática, 1990.

BEIVIDAS, W. **Semióticas sincréticas (o cinema)**: posições. Edições on-line, julho de 2006 [http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/downloads/bevidas\\_semioticassincreticas.pdf](http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/downloads/bevidas_semioticassincreticas.pdf). Consultado em 21/7/2011.

FIORIN, J. L. **Elementos de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 1990.

\_\_\_\_\_. O projeto hjelmsleviano. Em: **Glossemática**: Portal Hjelmslev. Disponível em [http://glossematics.org/forum/pdfs/FIORIN\\_O\\_projeto.pdf](http://glossematics.org/forum/pdfs/FIORIN_O_projeto.pdf). Consultado em 21/07/2011.

FONTANILLE, J. **Semiótica do Discurso**: balanço e perspectivas. Em: **Cadernos de Semiótica Aplicada**, vol. 6, nº 1, julho de 2008. Disponível em <http://www.fclar.unesp.br/grupos/casa/CASA-home.html>. Consultado em 21/07/2011.

### 3.8) Bibliografia consultada

FLOCH, J-M. Alguns conceitos fundamentais em semiótica geral. Em: **Documentos de Estudo do Centro de Pesquisa Sociosemióticas**. São Paulo: Centro de Pesquisas Sociosemióticas, 2001.

FONTANILLE, J. e ZILBERBERG, C. **Tensão e Significação**. São Paulo: Discurso Editorail: Humanitas/FFLCH/USP, 2001

GREIMAS, A. J.. e COURTÉS, J. **Dicionário Semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1979.

HERNANDES, N. A trilogia *Matrix*: estratégias de enunciação sincrética em textos cinematográficos. Em: **Cadernos de Semiótica Aplicada**, vol. 3, nº 1, agosto de 2005. Disponível em <http://www.fclar.unesp.br/grupos/casa/CASA-home.html>. Consultado em 21/07/2011.

LOPES, I. C.. e TATIT, L. **Elos de melodia e letra**: análise semiótica de seis canções. São Paulo: Ateliê, 2008.

MONTEIRO, R. C. As muitas vozes da canção: uma análise de *Yesterday*. Em: LOPES, I. C. e HERNANDES, N. (orgs). **Semiótica**: objetos e práticas. São Paulo: Contexto, 2005.

PIETROFORTE, A. V. **Análise do Texto Visual**: a construção da imagem. São Paulo: Contexto, 2007.

\_\_\_\_\_. **Semiótica Visual**: os percursos do olhar. São Paulo: Contexto, 2004.

SOUSA, S. M. Luz, câmera, moviment(ação): estratégias enunciativas de construção do sincretismo no Programa Silvio Santos. Em: **Cadernos de Semiótica Aplicada**, vol. 3, n<sup>o</sup> 2, dezembro de 2005. Disponível em <http://www.fclar.unesp.br/grupos/casa/CASA-home.html>. Consultado em 21/07/2011.

ZILBERBERG, C. Louvando o acontecimento. Em: **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 13, p. 13-28, jun. 2007. Consultado em 21/07/2011.

## **IV - Qualificação do principal problema a ser abordado na linha de pesquisa 3: Denominação e designação de ações institucionais no Brasil**

### **4.1) Introdução e justificativa**

"Programa Universidade Para Todos", "Programa Minha Casa Minha Vida", "Projeto Rondon", entre muitos outros nomes de ações institucionais, são exemplos de uma relação entre sentido e referência bastante peculiar e que merece o olhar do semanticista com o intuito de compreender os mecanismos de significação que são mobilizados e servem para fazer referência. A princípio, tal fenômeno parece indicar um esforço de publicidade empreendido pelo órgão ou instituição interessado, no entanto, tal esforço só atinge seus efeitos porque existe um mecanismo semântico que assim o permite. As denominações exemplificadas acima demonstram um modo de "transformação", pois da mera etiquetagem de um número de processo, de um número de projeto passaram para uma outra modalidade de individualização, aquela ocorrida por denominação, e esta acontece através de um misto de nome comum (operação, projeto etc.) e de um outro termo como um nome próprio (Rondon) ou ainda em um caso mais complexo em que se tem uma oração de feição nominal inteira, como em "Programa Minha Casa Minha Vida" (Minha casa É minha vida). Tal processo tem um escopo bastante amplo, revelando diferentes conteúdos que vão desde aspectos semântico-referenciais até questões discursivas próprias do modo como, no Brasil, se nomeia ou se refere a um determinado ente no mundo, cuja natureza é bastante peculiar.

### **4.2) Objetivos e metas**

A presente linha de pesquisa visa mapear e registrar ocorrências de nomes de ações governamentais não militares, principalmente na esfera Federal, com vistas a analisar os procedimentos denominativos contidos nessa prática e disponibilizar tais conhecimentos a pesquisadores e demais interessados.

- levantamento dos nomes das ações governamentais civis brasileiras, notadamente na esfera federal, nos últimos 30 anos;
- descrição da constituição dessas denominações em seu caráter semântico e pragmático;

- criação de um glossário e um banco de dados sobre as denominações levantadas aberto a pesquisadores e interessados.

### 4.3) Metodologia a ser empregada

Para dar conta desse fenômeno, discutiremos as diferenças entre *denominar* e *designar* e as combinações predicativas que a estrutura desses nomes prevê, ou seja, como se dá o funcionamento de sintagmas nominais que tenham a estrutura "projeto + Y", "programa + Z". De início, já observamos que o fenômeno aponta para uma forma de especialização da denominação. O que nos impele a questionar qual seria o status desse SN: seria ele um misto de descrição definida com nome próprio? Para dar conta de compreender esse tipo de formação, não podemos ignorar o uso, por isso este projeto leva adiante algo mais trabalhoso e ousado: a realização de um exaustivo levantamento do maior número possível de denominações sobre ações institucionais.

Além do mais, devemos ter bem claro que a relação mundo-linguagem não é algo simples, banal, como a nossa intuição de falantes nos faz crer, pois diferentes pesquisas têm demonstrado, de acordo com suas orientações epistemológicas, as complexidades psíquica, social e histórica nas quais ela está implicada. Assim, olhar o modo como se denominam ações governamentais é uma forma de compreender como um dado objeto da realidade concebido e referenciado entra na circulação dos sentidos e se faz constituir como sentido, principalmente na história recente do Brasil. Um número de processo funciona como um signo de “etiquetagem” (BOSREDON, 1997), mas não como um designativo tal como é “Projeto Rondon”.

Kleiber (1984, p. 77) afirma que a “linguagem tem por vocação primeira falar sobre o real”. Assim, as relações de designação e representação constituem a principal característica do signo linguístico: não basta estar no lugar de algo, mas é necessário representar esse algo, funcionar como referencial de algo.

(...) a função de designação, de representação constitui a característica principal do signo linguístico. A relação de denominação é uma parte constitutiva dessa dimensão referencial. Ela se inscreve no processo que coloca em relação os signos com as coisas e se posiciona ao lado das relações referenciais: referir a, remeter a, designar, representar, denotar etc. respondem ao esquema  $X(\text{signo}) \leftrightarrow x(\text{coisa})$ .

Fica bastante clara a distinção entre nomeação e designação, como visto acima, no entanto é preciso revisitar a questão do nome próprio e da descrição definida, tentando observar qual é o desafio científico ao se tentar compreender como a nomeação das ações objeto de nossa pesquisa se constitui.

Tal desafio se deve ao fato de que parece haver uma estrutura mista entre a “nomeação” e “descrição definida”, pois a estrutura “projeto + x”, ao mesmo tempo que satisfaz a verdade de uma sentença, também descreve que tipo de ação está sendo empregada:

- a) *O "Projeto Computador para Todos" permitiu ao José comprar seu micro.*
- b) *O "projeto cujo objetivo principal é possibilitar à população que não tem acesso ao computador a aquisição de um equipamento de qualidade" permitiu ao José comprar seu micro.*

Muito embora percebamos que há uma nítida diferença entre *"Projeto Computador para Todos"* e *"projeto cujo objetivo..."*, sendo a primeira um nome próprio e a segunda uma descrição definida, sabemos que a primeira, em virtude da sua composição “operação + x” tem um caráter descritivo, sem, no entanto, ser uma descrição, pois se utilizássemos apenas “x” (computador para todos) esse nome não seria aceitável tanto em “a” e “b”, como demonstra “c”:

- c) *? O Computador para Todos permitiu ao José comprar seu micro.*

Se há uma especialização desse procedimento de denominação, é preciso compreender como ele acontece. A título de problematização tomemos um exemplo de nomeação bem diferente do nosso objeto de pesquisa, a nomeação de obras de arte, em especial pinturas. Ao estudar como se dá o processo de nomeação de quadros, Bosredon (1997) relata estar diante de um objeto estranho por se tratar de um universo dividido entre o linguístico e o não-linguístico, mas com relações entre si muito complexas.

Proponho considerar essa atividade [nomeação de quadros] como uma atividade fortemente controlada, em um campo ao mesmo tempo individual e coletivo; individual porque os sujeitos são compelidos a certas escolhas, coletivo porque essas escolhas são fortemente condicionadas pelo uso e o controle trazido por este é, em grande parte, inconsciente. (p. 7)

E mais adiante ele continua

Denominei sinalética esses campos específicos de identificação conforme os domínios dos objetos identificados que permitem pensar que não se nomeia uma tela como se intitula um livro, um filme ou uma fotografia artística, que se não nomeia o que por si já é nominável, ou o que é do já

intitulável, segundo, precisamente, uma sinalética de domínio sempre lingüisticamente marcado. A existência de sinaléticas obriga, por consequência, que se considere que toda operação de identificação, procedendo por chamamento ou denominação, não pode ser analisada sem que se leve em conta a especificidade dos domínios físico-culturais aos quais ela se aplica.

A partir da definição de sinalética, como poderíamos interpretar a “sinalética” das operações institucionais? Em que consistiria o “domínio sempre lingüisticamente” marcado de tais objetos? Se colocados em paralelo, uma ação governamental parece não ter relação alguma com uma pintura, uma vez que esta tem uma determinada existência, talvez mais “estática” (obra de arte), enquanto que a outra tem uma existência cuja natureza e a dinâmica são altamente complexas (relações sociais, jurídicas, tem começo, meio e fim, não sendo um evento apenas, mas eivada de eventos etc.). No entanto, a obra de arte e a ação governamental têm em comum a existência de um nome para cada um.

## **2.4) Principais contribuições científicas ou tecnológicas da proposta**

O resultado gerado pela pesquisa exaustiva das denominações e designações das ações governamental irá gerar três tipos de conhecimento: a) teórico, que é a compreensão das relações semânticas cercadas pelos aspectos cognitivos, sociais e históricos da nomeação das ações institucionais; b) prático-metodológico, que descreve a percurso de coleta, armazenamento, tratamento e análise de dados; c) o produto do item “b”: a lista dos nomes das ações com suas respectivas análises e seu glossário. Vale ressaltar aqui que não se trata de um trabalho de lexicografia, pois não é um dicionário especializado, mas é a construção de um glossário para futuras pesquisas, inclusive de lexicógrafos, pois entendemos que a construção do glossário é consequência da aplicação da busca e compreensão dos elementos denominativos de nosso objeto de análise, além do que, esse conhecimento deve ser compartilhado de maneira prática e objetiva a todos que possam se interessar.

Em termos práticos esses três tipos de conhecimento irão compor o sítio eletrônico a ser desenvolvido pelo projeto, cujo objetivo final é publicar todos os artigos produzidos durante a pesquisa com a participação de estagiários, pesquisadores colaboradores e de iniciação científica. O sítio eletrônico irá conter as reflexões teóricas, a descrição de procedimentos de análise e o glossário das ações estudadas, compondo assim, um valioso banco de dados (BD)

de como conteúdos linguísticos, semânticos, discursivos e históricos para o auxílio de pesquisadores interessados. Assim, o primeiro resultado de caráter teórico será estender o conceito de denominação como desses tipos de unidades denominacionais como um caso prototípico de "nomeação descritiva", uma vez que nomeia ao mesmo tempo que descreve, portanto uma descrição desse tipo de denominação implica em compreender um procedimento específico de referenciar, ou seja, a sua sinalética. O segundo resultado, o prático-metodológico, irá gerar um conhecimento capaz de ser replicado para outros objetos sob a perspectiva sinalética, ou seja, será possível, a partir desse conhecimento gerado, aplicar sua metodologia para outros nomes descritivos, tais como os que estão constituídos pela forma "chacina + y", ou "operação + z". Finalmente o terceiro bloco de resultados irá gerar o glossário, como já explicado, que terá como principal finalidade constituir o BD para o conhecimento sobre os procedimentos denominação e para o subsídio de trabalhos de outros pesquisadores.



## 4.6) Identificação dos demais participantes do projeto

Bárbara Lara de Araujo Lima (estagiário)

Renan Augusto Ferreira Bolognin (estagiário)

Fernanda Cristina Guerra (estagiário)

Thailini Juliana Agostinho de Ázara (estagiário)

Thayara Patricia Galterio (estagiário)

Thiago Rodrigues da Silva Marcela Luisa Moreti (estagiário)

Vanessa de Mello Ferreira (estagiário)

## 4.7) Referências bibliográficas

BOSREDON, B. *Les titres des tabreaux*. PUF : Paris, 1997

KLEIBER, G. Dénomination et relations dénominatives, *Langages*, Paris, n. 76, 1984, p. 77-94.

\_\_\_\_\_. *Nominales: essais de sémantique référentielle*. Paris: Armand Colin, 1994.

## 4.8) Bibliografia consultada

ALLWOOD, J. et al. *Logic in Linguistics*. Cambridge. Cambridge Uniververssity Press, 1977.

ARNAULD, A. *Gramática de Port Royal ou gramática geral e razoada*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRÉAL, M. Ensaio de semântica: ciência das significações. Trad. Aída Ferras et al. São Paulo : Educ, 1992.

BORGES NETO, J. *Ensaio de filosofia da linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

COSTA, C. Teorias descritivas dos nomes próprios. In *Dissertatio, volume 30, verão de 2009*.

CHAFE, W. L. *Significado, estrutura e lingüística*. Trad. Francisco da Silva Borba. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.

CHIERCHIA, G. *Semântica*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

DAVIDSON, D. *Inquiries into Truth and Interpretation*. Oxford: Oxford University Press, 1984.

DUMMETT, M. *Frege: Philosophy of Language*. London: Duckworth, 1981.

FREGE, G. *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo : Cultrix, 1978

GRAÇA, A. S. *Referência e denotação: um ensaio acerca do sentido e da referencia de nomes e descrições*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

JACKENDOFF, R. *Semantics Structures*. Cambridge: The MIT Press, 1990.

KLEIBER, G. *Problèmes de référence: descriptions définies et noms propres*. Paris: Klincksieck, 1981.

\_\_\_\_\_. *La sémantique du prototype*. Paris : PUF, 1994.

\_\_\_\_\_. *Sens, référence et existence: que faire de l'extra-linguistique?* In *Langage*, Paris, n° 127, p. 9-37, 1997.

- LEBART, L. e SALEM, A. *Statistique Textuelle*. Dunot, Paris, 1994.
- MATUSHANSKY, O. On the linguistic complexity of proper names. In *Linguist and Philosophy*, 21, p. 573–627, 2009.
- MORTARI, C. A. *Introdução à lógica*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- MORTUREAUX, M-F. Paradigmes désignationnel. In *Semen*, n° 8, Paris, 1993. (<http://semen.revue.org/document4132.html>) acessado em 10 de fev. 2007.
- OLIVEIRA, R. P. de. *Semântica formal: uma breve introdução*. Campinas: Mercado de Letras, 2001
- PLATÃO. *Teeteto – Crátilo*. Trad. Carlos Aberto Nunes. E. Ed. Belém : UFPA, 1973.

## **V - Qualificação do principal problema a ser abordado na linha de pesquisa 4: Contribuições do geógrafo brasileiro Milton Santos para a compreensão dos fluxos de texto constitutivos do ciberespaço**

### **5.1) Introdução e justificativa**

Considerando a hipermídia como um conjunto de técnicas características do que o geógrafo Milton Santos chama de *período técnico-científico informacional*, entendemos que o mundo globalizado se funda numa “imprescindibilidade do discurso”, da qual o ciberespaço é uma materialização expressiva. Da perspectiva discursiva aqui assumida, estribada na análise de materiais linguísticos na sua relação inextricável com o extralinguístico, pretendemos abordar os textos como *objetos técnicos* que podem assumir traços singulares, mas cuja circulação participa de redes de tendência homogeneizante.

No que diz respeito ao ciberespaço, podemos perguntar: um designer que produz por encomenda é um autor, um artista? Um escritor que publica na internet de fato prescinde de todo tipo de trabalho editorial? Quem tem uma página de orkut é efetivamente dono de seus conteúdos? São de fato efêmeras todas as postagens de um facebook? O blogueiro é o único responsável pela circulação de seu blog?... Em todo caso, o ciberespaço não é todo o mundo, nem um universo paralelo ao “real”, senão parte do mundo contemporâneo, desdobramento histórico de modos de viver de outrora, forjado por práticas que não são homogêneas nem uniformes. O que parecem ter em comum é fazerem parte de uma nova relação espaço-temporal, de um espaço não necessariamente contíguo e de um tempo não necessariamente cronológico. Esse é o ponto de partida para procurar compreender os fluxos textuais de nosso tempo e, então, suas formas de produção e consumo, noutros termos: como as técnicas de produção e circulação forjam objetos que, por sua vez, sobre elas recaem, num rebatimento que põe em questão toda demarcação – o que há de *real* num *reality show*, por exemplo?

Diante de questões como essa é que propomos a aproximação dos estudos da linguagem, notadamente da perspectiva discursiva, com a geografia de Milton Santos. Seu conceito de *meio técnico-científico informacional* (e, portanto, o período em que esse meio se

formula) circunscreve o que, desde os anos 1970, se firma como conjunto de redes em que a dinâmica local/global se constitui, produzindo padrões ao saudar a diversidade. Interessa-nos pensar os fluxos de texto que constituem o ciberespaço com base nessa periodização geográfica, que não prescinde da histórica, diga-se, mas não coincide com ela; estudando o espaço, estuda-se nele o tempo: o espaço é uma acumulação desigual de tempos, compõe-se de divisões pretéritas e contemporâneas do trabalho, num dinamismo conjunto que produz o que comumente se denomina *presente*.

## 5.2) Objetivos e metas

Esta linha de pesquisa visa estudar a obra do geógrafo brasileiro Milton Santos com vistas a prosseguir em duas direções complementares: 1. estudar, na obra de Santos, o que se formula como *formação socioespacial*, a saber, “conjuntos de sistemas de ações indissociáveis de conjuntos de sistemas de objetos” (Santos, 2008) para entender os fluxos de texto constitutivos do ciberespaço; 2. anotar os usos que Santos faz dos termos *língua*, *linguagem* e *discurso* no conjunto de sua obra, procurando delimitar essas noções, que são recorrentes embora não sistematicamente conceituadas.

- estudar o construto teórico do geógrafo Milton Santos de modo a operacionalizar, nos estudos da linguagem, as noções de *formação socioespacial* e de *meio técnico-científico informacional*, portanto as relações entre tempo e espaço delas decorrentes;
- mapear, a partir desse estudo, o aparecimento dos termos *língua*, *linguagem* e *discurso*, de modo a delimitar as noções com que o geógrafo refere elementos constitutivos da formação socioespacial, notadamente no período técnico-científico informacional;
- propor, com base nos encaminhamentos acima, categorias analíticas para o estudo linguístico/discursivo dos fluxos de texto constitutivos do ciberespaço.

## 5.3) Metodologia a ser empregada

Em artigo fundador, publicado em 1977 no n. 54 do *Boletim Paulista de Geografia*, Santos propõe “a formação socioespacial como teoria e como método” para abordar as relações entre sociedade e espaço:

Pode-se dizer que a Geografia interessou-se mais pela *forma* das coisas do que pela sua *formação*. Seu domínio não era o das dinâmicas sociais que criam e transformam as formas, mas o das coisas já cristalizadas, imagem invertida que impede de apreender a realidade se não faz intervir a História. Se a Geografia deseja interpretar o espaço humano como o fato histórico que ele é, somente a história da sociedade mundial, aliada à da sociedade local, pode servir como transformação a serviço do homem. Pois a História não se escreve fora do espaço, e não há sociedade a-espacial. O espaço, ele mesmo, é social (p. 82).

Desenvolve, a partir daí, um corpo teórico em que o espaço se põe não como receptáculo inerte de ações humanas que o moldam segundo suas necessidades, mas como responsivo às práticas sociais, tão assimétrica e heterogeneamente responsivo quanto o são as práticas cultivadas numa sociedade. Ora, numa sociedade intensamente tecnificada sob os auspícios da ciência, que vê explodirem os fluxos de informação e de comunicação, estudar a materialidade espacial permitirá compreender como as práticas constroem os objetos, que recaem sobre as práticas, que recaem sobre os objetos, em uma dialética sócio-espacial que institui materialmente o mundo humano, as coisas de que ele vai sendo feito.

Isso permite entender o que são objetos técnicos. Um rio como o Tietê, na cidade de São Paulo, não é só um rio, pois foi retificado para dar lugar às vias marginais, sofreu várias manobras de contenção, recebeu vazão canalizada de outros rios e córregos, teve redefinidas suas margens, tem seu fundo escavado permanentemente. É um sistema técnico constituído por objetos técnicos, engenho humano materializado; materialização que se dá pela identificação de certas necessidades e certas possibilidades; identificação que acontece a partir de certos lugares socialmente demarcados; demarcação instituída historicamente. Dessas redes se faz o espaço geográfico, da atribuição de funções e valores a rios, vias, edificações, regimes pluviométricos, computadores, livros...

Em *Por uma outra globalização* (2009), Santos aponta a “tirania da informação e da financeirização” como pilares da versão concentradora e excludente da globalização. Explica:

A globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista. Para entendê-la, como, de resto, a qualquer fase da história, há dois elementos fundamentais a levar em conta: o estado das técnicas e o estado da política. [...] As técnicas são oferecidas como sistema e realizadas combinadamente através do trabalho e das formas de escolha dos momentos e dos lugares de seu uso. É isso que fez a história.

No fim do século XX e graças aos avanços da ciência, produziu-se um sistema de técnicas presidido pelas técnicas da informação, que passaram a exercer um papel de elo entre as demais, unindo-as e assegurando ao novo sistema técnico uma presença planetária.

Só que a globalização não é apenas a existência desse novo sistema de técnicas. Ela é também o resultado das ações que asseguram a emergência de um mercado dito global, responsável pelo essencial dos processos políticos atualmente eficazes (2009: 23-24).

Desse modo, as tecnologias da informação e da comunicação trazem ao período elementos inéditos, já que o espaço geográfico, além dos eixos das sucessões e das coexistências, passa a contar com o advento da ubiquidade. Mas lembremos que a existência das possibilidades técnicas da simultaneidade espaço-temporal não bastaria para que essa nova estrutura se realizasse. Foi preciso uma articulação política entre agentes públicos e privados para que a circulação de informações (na forma de ordens, dinheiro, imagens, textos etc.) se efetivasse de modo operacional e confiável. Esse esforço instituiu novas formas de relação entre corporações e entre o público e o privado. Também conduziu à estruturação de sistemas e objetos técnicos mais precisos, compostos por intensos conteúdos de ciência, e conseqüentemente foram se tornando monofuncionais e rígidos, condição de seu bom funcionamento com comandos a distância.

Esse processo que pressupõe a participação de agentes variados da esfera pública e uma gama diversa de agentes corporativos e também não-corporativos, além dos novos agentes governamentais e não-estatais – as ongs –, conduziu a profundas transformações; inclusive novas formas de direito começaram a emergir (*Lex Mercatoria*, direito da produção, direito sistêmico), isto é, novas regulações para dar conta das práticas inéditas promovidas pela simultaneidade. É a partir dessa conjuntura marcada por uma aceleração da história, pela emergência incessante de novas práticas, novas técnicas, até mesmo novos setores econômicos (surge o quaternário, composto por novas formas de consultoria, como os serviços de telecomunicação) que Santos (2009) teoriza sobre o período, propondo os *elementos da globalização*, aspectos de uma totalização em movimento, separáveis apenas para fins analíticos, embora claramente identificáveis. Em linhas bem gerais:

- o *motor único*, alimentado pela mais-valia global que se forma a partir da criação da informação monetária, é evidentemente uma forma dominante de produção e expansão

do capital, e se manifesta predominantemente como capital financeiro, mas não substitui os motores que já existiam;

- a *unicidade técnica*, fruto das novas tecnologias, como os outros elementos, apresenta a característica singular de sistemas técnicos e objetos técnicos ubíquos e universais, cuja tendência é de unificação. Eles têm a capacidade de unificar os demais sistemas, impor ritmos e instaurar lógicas e finalidades para seu funcionamento;
- a *convergência dos momentos* institui-se como possibilidade do conhecimento instantâneo do acontecer do outro, dada a aceleração da história traduzida pela emergência de novas técnicas que permitem a conexão instantânea entre diferentes lugares instaurando novas práticas sociais;
- a *cognoscibilidade planetária*, intimamente relacionada à convergência dos momentos, retoma a superfície da Terra como plana, na medida em que agora, supostamente, se pode saber de tudo o que se passa no planeta; há uma matematização da paisagem com a produção e a difusão instantânea de conhecimentos, que vem servindo de modo crescente para orientar ações de todo tipo.

Eis o período técnico-científico informacional esboçado apenas. Em todo caso, esse esboço nos permite ao menos entender que

Objetos e ações contemporâneos são, ambos, necessitados de discursos. Não há objeto que se use hoje sem discurso, da mesma maneira que as próprias ações tampouco se dão sem discurso. O discurso como base das coisas, nas suas propriedades escondidas, e o discurso como base da ação comandada de fora impelem os homens a construir a sua história através de práxis invertidas. Assim, todos nos tornamos ignorantes. Esse é um grande dado do nosso tempo. Pelo simples fato de viver, somos, todos os dias, convocados pelas novíssimas inovações a nos tornarmos, de novo, ignorantes; mas também a aprender tudo de novo...” (SANTOS, 2009: 87).

Daí que o efeito de sentido de um “mundo sem fronteiras”, característico do ciberespaço, se produza num movimento incessante de erigir fronteiras, instituir identidades e desfazê-las ou refazê-las, num movimento engendrado, entre outras coisas, por intensos fluxos de textos.

## **5.4) Principais contribuições científicas ou tecnológicas da proposta**

Trata-se, fundamentalmente, de contribuir para os estudos da linguagem e do discurso com um método consolidado de apreensão dos meios e materiais em que se inscrevem os materiais linguísticos, e que, assim, participam da produção dos sentidos.

O recurso a teorias sociológicas, antropológicas, psicanalíticas, entre outras com menor frequência, é cada vez mais comum nos estudos da linguagem e do discurso, na medida em que os objetos focalizados, principalmente os concernentes às novas mídias, requerem a compreensão da circulação dos materiais linguísticos na sua potência textualizada, isto é, como constitutivos da comunicação e da cultura.

A obra de Milton Santos se ocupa de compreender as relações espaço-temporais da organização social, as formações socioespaciais, conforme dito acima, e propõe um método de abordagem dessas relações que inclui sempre a linguagem e o discurso como partícipes do espaço vivido, da construção social.

Creemos, por isso, que, além dos objetivos que norteiam esta proposta, será possível mapear, na obra de Santos, as ocorrências dos termos *linguagem* e *discurso* (e também a bibliografia que cita relativamente a tais termos), de modo a obter algum esclarecimento sobre como o geógrafo contempla esses objetos no seu construto teórico e, portanto, como podemos entender a linguagem e o discurso na sua participação nas formações socioespaciais.

De certo se pode incluir nessas contribuições o gesto efetivo de interdisciplinaridade ou transdisciplinaridade, posto que diferentes epistemes são chamadas ao diálogo, ao confronto, à assunção da alteridade características da produção de conhecimento.

### 5.5) Cronograma de atividades

ATIVIDADES	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	
Levantamento bibliográfico da obra de SANTOS	X	X	X	X	X	X	X	X																	
mapeamento das ocorrências de <i>língua, linguagem e discurso</i> nessa obra					X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X						
produção de artigos analíticos que publicizem os achados teóricos												X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
produção de pelo menos dois artigos em parceria com geógrafos estudiosos da obra de SANTOS							X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X					
formação de um grupo de estudos com alunos de graduação e pós-graduação							X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
proposição de simpósios ou coordenadas em congressos										X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X			
Relatório final																					X	X	X	X	

## 2.6) Identificação dos demais participantes do projeto

Helena Boschi (mestranda);

Giovanna Santurbano (iniciação científica);

Ranata Cassonato Motta (iniciação científica).

## 2.7) Referências bibliográficas

SANTOS, M. *Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal*. 2000. 18 ed. São Paulo: Record, 2009.

\_\_\_\_\_. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4 ed. 4 reimpressão. São Paulo: Edusp, 2008.

\_\_\_\_\_. *Sociedade e Espaço: a formação social como teoria e como método*. *Boletim Paulista de Geografia*, n. 54, São Paulo, pp. 81-100, jun. 1977.

## 2.8) Bibliografia consultada

ANTAS Jr., R. M. *Território e regulação – espaço geográfico, fonte material e não-formal do direito*. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2005.

BERTRAND, Claude-Jean. *A deontologia das mídias*. Trad. Maria Leonor Loureiro. Bauru: EDUSC, 1999.

CASTELLS, M. *A galáxia da internet – reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Trad. Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CHARTIER, R. *Inscrever e apagar – cultura escrita e literatura (séculos XI – XVIII)*. Trad. Luzmara C. Ferreira. São Paulo: Editora da Unesp, 2007.

KURTZMAN, J. *A morte do dinheiro*. Como a economia eletrônica desestabilizou os mercados e criou o caos financeiro. 1993. Trad. Geni G. Goldschmidt. São Paulo: Atlas, 1995.

MATTELART, Armand. *Diversidade cultural e mundialização*. Trad. Marcio Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2005.

SALGADO, L. S. *Ritos genéticos editoriais: autoria e textualização*. São Paulo: Fapesp/Annablume, 2011.

